A CASA GOVERNADA PELA MATRIARCA NA FICÇÃO GOESA DE VIMALA DEVI¹

THE GOVERNED HOUSE BY THE MATRIARCH IN THE GOAN FICTION OF VIMALA DEVI

Denise Rocha²

Resumo: O objetivo do estudo é, de um lado, resgatar uma escritora de língua portuguesa, silenciada pelo cânone de Portugal, que vive em Barcelona, aos 89 anos de idade: a goesa Vimala Devi, pseudônimo literário de Teresa da Piedade de Baptista Almeida. Poetisa, crítica literária, pintora, tradutora e contista, Teresa é considerada uma escritora da diáspora, pois emigrou para Lisboa, aos 26 anos de idade (1958), e escreveu sua obra - lírica e narrativa - longe de sua terra natal, Goa, que, em 1530, tornou-se a capital do Império português no Oriente (Índias Portuguesas), e no ano de 1961, foi anexada à União Indiana. E, de outro lado, analisar no conto *O Genro-Comensal* (1963), de Devi, a questão do matriarcado em uma ilustre família cristã que precisava de descendentes. O estudo da narrativa sobre a única função do cunhado, a de gerar um herdeiro, baseia-se nos conceitos de cultura híbrida e estranhamento, de Bhabha, além de reflexões sobre o matriarcado, o patriarcado e o capitalismo, de Engels, Pantem, Narvaz e Koller.

Palavras-chave: Literatura goesa. Vimala Devi. Cânone. Matriarcado. Poder. Gênero.

Abstract: The objective of the study is, on the one hand, to rescue a Portuguese-speaking writer, silenced by the canon of Portugal, who lives in Barcelona, at the age of 89: the Goan Vimala Devi, literary pseudonym of Teresa da Piedade de Baptista Almeida. Poetess, literary critic, painter, translator and storyteller, Teresa is considered a writer of the diaspora, since she emigrated to Lisbon, at the age of 26 (1958), and wrote her work - lyrical and narrative - far from her native Goa, which, in 1530, became the capital of the Portuguese Empire in the East (Portuguese Indies), and in 1961, it was annexed to the Indian Union. And, on the other hand, to analyze in Devi's short story *O Genro Comensal* (1963), the issue of matriarchy in an illustrious Christian Family, who needed descendants. The study of the narrative about brother-in-law's his only function, to generate an heir, is based on Bhabha's concepts of hybrid culture and estrangement, as well as reflections on matriarchy, patriarchy and the capitalism, by Engel, Pantem, Narvaz e Koller.

Keywords: Goan literature. Vimala Devi. Canon. Matriarchy. Power. Genre.

¹ Artigo recebido em 10 de fevereiro de 2021 e aceito em 29 de março de 2021.

² Professora visitante da Universidade Federal do Ceará (UFC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3906-2957>. E-mail: rocha.denise57@gmail.com.

Introdução

O presente estudo sobre a narrativa *O Genro-Comensal*, de Vimala Devi,³ pseudônimo literário de Teresa da Piedade de Baptista Almeida, tem duas facetas: a questão da consolidação do poder feminino em uma família aculturada de brâmanes cristãos, descendentes de Adeodato da Purificação do Santíssimo Sacramento Fonseca, em Goa; e a instituição goesa do genro-comensal. A análise baseia-se, principalmente, nos conceitos de cultura híbrida e estranhamento, de Bhabha, além de reflexões sobre o matriarcado, o patriarcado e o capitalismo, de Engels, Pantem, Narvaz e Koller. Nota-se que, após mais de 400 anos de colonização portuguesa, que produziu uma identidade híbrida nas classes econômicas superiores, alguns costumes locais prevalecem, como a seleção de um homem para gerar descendentes legítimos, conforme Deli mostra em sua narrativa.

À Goa, proveniente de Lourenço Marques, antigo nome da capital de Moçambique, depois de 10 anos de estadia como oficial, retornou o primogênito de Francisco João dos Milagres Barreto. Com cerca de 50 anos, gordo e calvo, o alegre Franjoão recebeu uma oferta para se casar na família de Adeodato da Purificação do Santíssimo Sacramento Fonseca, na condição de membro-comensal, aquele que partilha as refeições com o clã. Tratava-se de um encargo socioeconômico e afetivo, a de casamento em uma linhagem sem herdeiro masculino e, para aumentar o dote para o escolhido, as irmãs cediam a sua herança para a casadoira. Tal tradição presente em Goa é o tema principal de uma das narrativas, *O Genro-Comensal*, de Vimala Devi, que faz parte da antologia *Monção*, cujo título remete ao vento prenunciador da estação de chuvas abundantes.

Manuel Seabra, na Introdução da 2.ed. (2003) de *Monção*, enfatizou a originalidade da escrita da autora goesa, cuja antologia foi publicada em 1963:

[...] De súbito Vimala Devi aparece com um livro onde praticamente todos os grupos sociais de Goa são retratados sem disfarces: o desfasamento histórico que significava a existência de manducares (uma espécie de servos da gleba quase medievais com obrigações até de serviços e bens gratuitos aos senhores da terra) e de batecares (proprietários rurais com direito a serviços e bens gratuitos dos camponeses que viviam nas suas terras), a existência de castas entrecruzadas com classes (que Vimala, nos seus contos, sabe apresentar de uma maneira muito subtil), dos descendentes de portugueses dos séculos XVI e XVII que se mantinham como grupo social bem identificado, além, naturalmente, das separações religiosas. Naquela época, a população de Goa dividia-se quase metade por metade, entre cristãos e hindus, mas vivendo em sociedades quase estanques, apenas com contactos muito superficiais e residuais (SEABRA, 2003, p. VII).

³ O pseudônimo Vimala Devi (Deusa da Pureza em concani), segundo Teresa da Piedade de Baptista Almeida, foi uma sugestão de seu esposo, Manuel de Seabra, depois da publicação da antologia de poemas dela, *Súria*, em 1962. Ele disse: “Nós aqui temos muitas Teresas, mas tu tens de ter um nome que possa identificar mais o teu primeiro livro” que era sobre Goa. O casal escolheu junto o nome literário dela (DEVI, 2019, p. 336).

Elaborada em língua portuguesa, *Monção* tem um glossário com termos e expressões em concani, idioma que segundo Eduardo de Almeida Navarro, em *Goa: uma identidade diferente da indiana justificaria a condição colonial?*, estaria vinculado à híbrida identidade local:

Afirmar que a identidade goesa estava na arquitetura lusitana ali existente, na língua portuguesa ali falada, no carnaval ali festejado era dar argumentos ao inimigo, uma vez que essa identidade provinha do colonizador europeu cujas marca muitos queriam ver apagadas ou não viam como predominantes. Para eles, a real identidade goesa não era a identidade cristã, mas, sim, a identidade indiana. Para eles, a larga maioria dos goeses não era culturalmente diferente dos outros indianos. Era preciso, assim, encontrar uma identidade verdadeiramente indiana para Goa. Ela foi encontrada na língua concani, ali é falada. O concani é uma língua indo-ariana, falada não somente em Goa, mas também em algumas partes da costa leste, inclusive no Malabar (ou Kerala), que é a região onde está Cochim (NAVARRO, 2011, p. 35)⁴.

Monção tem a epígrafe “A sombra da árvore alonga-se ao pôr do sol sem nunca se separar dela”, um pensamento de Kalidassa, poeta do século IV, como destaque para as profundas relações da lusofonia, do oceano Atlântico ao Índico. Escrita em Lisboa e republicada em 2003, a obra reúne 16 contos: “Nâttak”; “O Genro-Comensal”; “Dhruva”; “Ocaso”; “Esperança”; “Padmini”; “O Futuro e o Passado”; “Incerteza”; “Tyâtr”; “Fidelidade”; “Os Filhos de Job”; “Recordação do Tio Salú”; “A Droga”; “A Subvenção”; “Vênus e seus braços”; e “Regresso”. Os temas são variados: a questão da identidade híbrida e a da sociedade de castas; a marginalidade dos descendentes dos portugueses e a dos lusos na contemporaneidade; amores contrariados; festividades hindus etc.

Estruturado em quatro partes, o conto *O Genro-Comensal* evoca os anos 1950 na cidade de Margão, que apesar de ter um “ritmo acelerado” com fábricas, firmas exportadoras e estabelecimentos comerciais, mantinha as tradições, evidentes na paisagem arquitetônica:

[...] nas casas antigas, de pedra maciça, escurecida pelo tempo, como conventos, as velhas famílias não abdicam das suas prerrogativas e a vida corre inalterável, como um rio que nenhum obstáculo pode afastar do seu curso. As velhas tradições continuam a manter-se, os orgulhos a alimentar-se, as prosápias a enaltecer-se. Dias, semanas, meses, anos nada significam para os habitantes dessas velhas mansões, que não transigem com os droguistas enriquecidos que se pavoneiam pela cidade e vão para banhos a Colvá nos seus *chevrolets* reluzentes, novinhos em folha (DEVI, 2003, p. 44).

⁴ O concani adquiriu o estatuto de língua oficial, paralelo ao inglês, depois da anexação militar de Goa à União Indiana: “A língua portuguesa, que era falada por aproximadamente 5% da população em 1961, não contabiliza hoje mais de 2% a 3% de falantes” (LOUNDO, 2011, p. 17), segundo Dilip Loundo em *O(s) contexto(s) indiano(s) da latinidade em Goa*.

Em um casarão enorme, de estilo arquitetônico português viviam, sem o genitor falecido, as quatro irmãs Fonseca: Claudina, 40 anos, Teodolinda, 38 anos e Dejanira, a mais nova. A primogênita Soledade tinha quarenta e nove anos e era: “baixa, gorda, com um rosto duro, enérgico. Era o chefe da casa”. (DEVI, 2003, p. 31). Apesar de poder ter um administrador para as várias propriedades rurais, ela quis assumir tais funções tradicionalmente masculinas.

O presente baseia-se, principalmente, nos conceitos de cultura híbrida e estranhamento, de Bhabha, de matriarcado, patriarcado e capitalismo, de Engels, Pantem, Narvaz e Koller.

Cultura híbrida e momentos de estranhamento

Três feitorias, Goa, Damão e Diu, a partir de 1543, foram fundadas pelos portugueses na parte asiática do Oceano Índico. Em 1509, Afonso de Albuquerque localizou o porto natural de Goa, e recebeu a permissão da corte de Akbar para a instalação de um entreposto comercial que adquiriu extensão internacional. Em Goa⁵ viviam hindus e muçulmanos, alguns dos quais foram cristianizados. A origem da família da escritora Vimala Devi era brâmane que se tornou assimilada e católica, falante de concani e português.

O pertencimento à uma cultura híbrida, segundo Homi Bhabha, no artigo *Ética e Estética do Globalismo: Uma Perspectiva Pós-Colonial*, não significa uma mera imitação, tampouco desqualifica o sistema identitário próprio:

Pertencer a uma cultura que se tornou híbrida não é o mesmo que ser um “imitador”, um desaparecido ou uma personalidade inautêntica; não nos relega para um mundo de narrativas interrompidas e histórias contadas pela metade. Uma perspectiva “híbrida” não tolera mitos de hegemonia nacionalista ou imperialista usados para justificar a dominação ou a discriminação cultural (BHABHA, 2000, p. 31).

Para Bhabha, a pessoa, inserida no hibridismo cultural, resultante da história colonial local, como em Goa, não significa aceitar simplesmente as categorias do poder hegemônico e seu domínio sobre o Outro; mas, sim, assumir alguns elementos, e preservar outros. O futuro estaria sujeito às escolhas pessoais, o passado poderia ser esquecido e reconstruído:

⁵ A Goa portuguesa era formada pela região das Velhas Conquistas, durante a qual ocorreu a destruição de pagodes hindus e a construção de igrejas) e as das Novas Conquistas (século XVIII), época da decadência do império marata e a aceitação do hinduísmo com a construção de outros pagodes, muitos dos quais conservados até hoje apesar da Inquisição. A situação de segregação religiosa foi sendo abolida, bem como a distinção entre as crenças em 1910, fato que possibilitou aos goeses de castas superiores o acesso às funções administrativas. Pela lei de 20 de abril de 1911, os hindus goeses recuperaram a sua liberdade de crença e obtiveram o status de igualdade com a minoria cristã. (STOCKER, 2005, p. 37 a 40).

[...] ao contrário do que acontece com o futuro, não podemos “escolher” o nosso passado cultural ou biográfico; podemos esquecê-lo num gesto de amnésia histórica: podemos reconstruí-lo de modo a que depois se adéque aos nossos interesses presentes; ou podemos condensá-lo no presente, a fim de demonstrar a continuidade da tradição cultural como parte da confluência de uma história partilhada. Em cada um destes casos negociamos com o ‘passado’ para transformar as nossas vidas, mas não podemos simplesmente escolher ou ‘desescolher’ o passado (BHABHA, 2000, p. 29 e 30).

Em agosto de 2018, Vimala Devi relatou sobre sua motivação em escrever a antologia *Monção*, na diáspora em Lisboa. Na entrevista concedida a à Daniela Spina, denominada *Uma vida de um certo lirismo*, a escritora comentou sobre o caráter social e de denúncia sobre as desigualdades sociais de sua pátria (sistema de castas) em sua primeira obra:

DS: Quando escreveu **Monção**, já vivia em Portugal, certo? Que relação tem com esse livro? Se a escrita era uma maneira de manter contacto com a sua terra etc.

VD: Tinha recordações muito vivas dos problemas que tinha vivido em Goa. Sobretudo como era formada a sociedade goesa e de tantas contradições que havia, porque recorro que a minha família materna eram proprietários da terra e tinham gente a trabalhar, como digo no **Monção**. Havia os *batcares*, que eram os proprietários, e os *manducares*, aqueles que trabalhavam as terras. Muita gente de Goa vivia assim. Os trabalhadores viviam nas terras, numas casas modestas, mas não eram pagos pelo seu trabalho. Era como se fossem uns servos. [...] vi que era muito injusto o sistema que havia em Goa, um sistema semifeudal: uma desigualdade entre uns e os outros... Outras capas sociais. E isso foi refletido em Lisboa. Eu, em Goa, não poderia escrever esse livro, não me deixariam, seria muito atacada pelas pessoas de lá, mas já em Portugal tive a liberdade de poder desvendar e fazer essa denúncia da sociedade goesa (DEVI, 2019, p. 339 e 340).

Na sua fala, em Barcelona, 55 anos depois da publicação da antologia, a escritora enfatiza o objetivo de sua escrita na época: a de crítica às relações semifeudais, à injustiça da sociedade rural goesa formada pelos batcares, os proprietários, e os manducares, os empregados. Tal sistema milenar, que permaneceu durante os quatro séculos da colonização portuguesa, é abordado em alguns contos e, de forma indireta, em *O Genro-Comensal*, cujos servos dos Fonsecas contribuíam para a riqueza da linhagem, “boa casa. Brâmanes antigos” (DEVI, 2003, p. 39), formada pelo cultivo de arroz, em Dongrim, côco e outras frutas, como manga, em Benaulim.

Muitos dos temas evocados na antologia *Monção* revelam traços de identidade híbrida da classe dominante (brâmanes, chardós e os descendentes de portugueses), a aculturação dos ricos (catolicismo e língua portuguesa), bem como a permanência de elementos culturais próprios (idioma concani; vestimen-

ta; adorno; perfume; culinária; ritos às divindades hindus; sistema de dote; instituição do genro-comensal etc.). Os pobres não falam o português. Os assuntos das narrativas são distintos: amor (interdição, aborto, casamento arranjado e em estilo hindu, dote ofertado ao noivo, a importância do nascimento de um varão); economia (decadência dos fazendeiros assimilados, exploração de pescadores e servos rurais); divertimentos (teatro hindu e cristão, e comemorações vinculadas à Ganesha, divindade com cabeça de elefante); alteridade (exclusão dos membros das castas inferiores (bonguis, curumbins e faraz) e dos portugueses (paclos) na atualidade; estudos em Lisboa; emigração para Moçambique, Brasil e Golfo Pérsico etc. O sistema de castas⁶ socioeconômicas permeia as narrativas.

Homi Bhabha, no tópico *Vidas estranhas*: A literatura do reconhecimento, da Introdução. Locais da Cultura, dialoga com Fanon sobre o reconhecimento da afirmação dos povos subordinados de “suas tradições culturais nativas” e da recuperação de “suas histórias reprimidas”. Bhabha destaca: “A atividade negadora é, de fato, a intervenção do “além” que estabelece uma fronteira: uma ponte onde o “fazer-se presente” começa porque capta algo do espírito de distanciamento que acompanha a re-locação do lar e do mundo” (BHABHA, p. 29). Trata-se do estranhamento [*unhomeliness*]:

[...] a condição das iniciações extraterritoriais e interculturais. Estar estranho ao lar [*unhomed*] não é estar sem-casa [*homeless*]; de modo análogo, não se pode classificar o “estranho” [*unhomely*] de forma simplista dentro da divisão familiar da vida social em esferas privada e pública. O momento estranho move-se sobre nós furtivamente, como nossa própria sombra [...]. (BHABHA, 2007, p. 29 e 30)

Quadro 1 - Teresa da Piedade de Baptista Almeida⁷

Fonte: Archive of Goan writing in portuguese

⁶ O *Rig Veda*, um dos livros sagrados do hinduísmo, descreve quatro varnas (classes sociais): Brâmanes (sacerdotes e intelectuais), Xátrias (exército, polícia e administradores), Vaixás (comerciantes e comunidade empresarial) e Sudras (trabalhadores e operários). Segundo John Hawkins, na obra *A história das religiões*: “Originalmente, cada pessoa era designada para um varna de acordo com sua preferência por um tipo específico de trabalho. Mais tarde, o sistema se tornou hereditário e se acrescentaram muitas subdivisões (*jati*) até chegar ao atual sistema de castas”. (HAWKINS, 2018, p. 124).

⁷ Disponível em: <<http://archiveofgoanwritinginportuguese.blogspot.com/2012/01/vimala-devi-uma-historia-de-literatura.html>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Situações de estranhamento envolvem a trajetória de Teresa, cidadã do mundo, que revelam, inicialmente, a assimilação de seus familiares durante o colonialismo português e a superioridade deles, proprietários rurais. Nesta constelação semi-feudal há o sentimento de *unbomeliness* da escritora em seu lar, como descendente [de português] diante da existência de seus servos rurais não assalariados. Somente na extraterritorial Lisboa, ela pode acusar a iniquidade goesa em sua literatura, ao mesmo tempo que podia se afastar do problema.

A segunda situação de estranhamento revela-se na vida de Teresa, desde 1958, quando emigrou para Portugal, a metrópole imperial. Ela casou-se em 1959 com o escritor português, Manoel de Seabra, com o qual viveu na Inglaterra, no Brasil e na Espanha. A autora nunca mais regressou à Goa [*unbomed*] e somente em duas obras -*Monção* e *Súria*-, escritas no início dos anos 1960, abordou temas de sua terra natal. Portanto, o mundo europeu tornou-se a sua casa, o seu lar. A sua língua materna, o concani, não era falada com o esposo português e, nas últimas décadas, a autora vive em um país de língua espanhola.

Momentos de estranhamento, experimentados por Teresa, em Goa e em Portugal, acima mencionados, vive também o seu protagonista de *O Genro-Comensal*, o bonachão Franjoão, que tem identidade híbrida e preserva tradições locais, como a do casamento arranjado. Depois de uma década de estada em Moçambique, ele recebeu a proposta de um casamento vantajoso, apesar de não ter praticamente bens, somente o ilustre nome de sua linhagem, os Barretos. Convicto, que iria assumir o posto de chefe da família e da riqueza dos FONSECAS, teve que engolir uma humilhação patriarcal, a de se submeter às vontades de sua cunhada, de ser o subalterno na dinastia.

Vimala Devi e o poder feminino na família brâmane católica: a subversão ao patriarcado

Nascida em 1932 na aldeia de Britonia, localizada perto do rio Mandovi, Teresa da Piedade de Baptista Almeida, tem uma família cristã de brâmanes (alta casta de sacerdotes), proprietária de terras, na qual se fala o concani e o português. Fluente em inglês, a jovem publicou artigos e poemas, nos jornais *O Diário da Noite* e *O Herald*, de Pangim, capital da Índia Portuguesa.

Aos 26 anos, a fim de se unir à mãe e aos irmãos, ela emigrou para Lisboa (1958), onde revelou-se, também, como crítica literária e pesquisadora, em parceria com Manoel de Seabra, na elaboração da obra *A Literatura Indo-portuguesa* (1971) sobre a história da literatura de Goa em língua portuguesa (volume 1) e uma antologia de textos -narrativa, poesia e teatro- (vol. 2). Com o pseudônimo literário Vimala Devi, Teresa publicou duas antologias, a de poemas, *Súria* (1961)

e, a de contos, *Monção* (1963). Posteriormente, Vimala escreveu duas antologias poéticas: *Hologramas* (1969) e *Telepoemas* (1970), influenciadas pelo movimento surrealista. Em 2008, surgiu *A Cidade e os Dias*, antologia de 17 contos, com temática distante daquela evocada sobre a Goa portuguesa, em *Monção*.

No conto *O Genro-Comensal*, a narradora evoca dois temas entrelaçados 1) o matriarcalismo de Soledade e 2) a falta de um varão no clã de Adeodato da Purificação do Santíssimo Sacramento Fonseca, que refletem as concepções do matriarcado, patriarcado e capitalismo (Engels, Pantem, Narvaz e Koller).

O comportamento da protagonista da narrativa, a primogênita Soledade, pode ser classificado como uma consolidação do Matriarcado (do grego antigo μητέρος, transl. *metéros*: mãe; e ἀρχή, transl. *arché*: origem ou regra), um conceito que se refere à uma forma de organização social em que a mulher-mãe teria uma posição dominante na família e na sociedade (MATRIARCADO, s.d., p. 1). O mesmo termo (do lat. *mater*: mãe e do grego *arché*: governo) indica que se trata de “Regime político das sociedades onde a linhagem genealógica reconhecida é a materna e o poder é exercido pelas mulheres” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 182).

Na obra *Origem da família, da propriedade privada e do estado*, de Friedrich Engels, publicada em 1884, o autor explicou que o controle da propriedade privada evoluiu para a substituição do matriarcado pelo patriarcado nas sociedades primitivas.

O termo patriarcado (do greg. *patriarchés*: chefe de família, de *patér*: pai e *arché*: governo) significa: “Regime político, social e jurídico caracterizado pela descendência em linha exclusivamente paterna e pela autoridade doméstica do pai, todo poder sendo exercido unicamente pelos homens, que teriam um estatuto de superioridade sobre as mulheres” (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2008, p. 213).

Na obra *O contrato sexual*, Carole Pateman afirma:

[...] o poder natural dos homens como indivíduos (sobre as mulheres) abarca todos os aspectos da vida civil. A sociedade civil como um todo é patriarcal. As mulheres estão submetidas aos homens tanto na esfera privada quanto na pública; de fato, o direito patriarcal dos homens é o principal suporte estrutural unindo as duas esferas em um todo social (PATEMAN, 1993, p. 167).

O pensamento patriarcal, desde a Idade Média até a contemporaneidade, legitima o duplo domínio masculino: o poder do pai na família como origem e padrão de todas as relações de poder e de autoridade; e o direito conjugal do homem sobre sua esposa, que é uma das características do patriarcado moderno, estruturado na sociedade capitalista.

Giudice Narvaz e Sílvia H. Koller, no artigo *Famílias e patriarcado*: da prescrição normativa à subversão criativa, destacam: “A articulação do patriarcado ao capitalismo é também discutida como uma das possíveis explicações para o siste-

ma de opressão das mulheres”; e prosseguem: “A despeito das conquistas sociais e dos dispositivos legais que postulam a igualdade de direitos entre homens e mulheres, as discriminações ditadas pelo patriarcado são uma forma de violência de gênero e de violação dos direitos humanos das mulheres”. As autoras enfatizam:

Entretanto, apesar da prescrição normativa patriarcal, as famílias inventam outros papéis familiares na cotidianidade de suas experiências, o que explode a hegemonia do discurso patriarcal normativo ainda existente. Isto destaca, ainda, a criativa e subversiva capacidade de resistência humana a prescrições impostas, em especial a resistência das mulheres à opressão patriarcal que lhes tem sido imposta há séculos (NARVAZ; KOLLER, 2006, p. 49).

A personagem Soledade mudou os papéis familiares, incorporando o matriarcado frente à sociedade, aos empregados, às irmãs e ao cunhado Francisco, que apesar de ser de uma família fidalga, somente tinha o dever de procriar.

Quadro 2 - Casarão, em estilo arquitetônico português, da família Braganza, em Chandor, perto de Margão (Goa)

Fonte: Portugal. Dreamstime⁸

Soledade da Purificação do Santíssimo Sacramento Fonseca tornou-se a herdeira do poder familiar, depois do falecimento de seu pai, cuja riqueza ostensiva se representava na imensa moradia em Margão: um “casarão enorme como um mosteiro, bem recheado de loiças antigas, contadores lavrados, marfins, joias, pedras, grossas manilhas de ouro, a dispensa bem fornecida, e boas propriedades de rendimento” (DEVI, 2003, p. 40). Ali viviam quatro irmãs:

⁸ Disponível em: <<https://pt.dreamstime.com/imagens-de-stock-casa-indiana-colonial-da-fam%C3%ADlia-de-braganza-image16018374>>. Acesso em: 12 mar. 2021.

Desesperadamente solteiras [...] na companhia de algumas criadas velhas, dos tempos do papá. Porque não havia varões na família. A casa ia extinguir-se. E as quatro manas FONSECAS, resignadas, carpiam a mágoa de verem uma família de tão vetustas tradições mergulhar no vazio, desaparecer sem herdeiros ou continuadores (DEVI, 2003, p. 32).

Uma delas, Teodolinda teve um pretendente da fidalga casta dos char-dós, Joaquim Menezes, de Santa Cruz, mas que não foi aceito. A tia Sacramento do Rosário, incrédula com a recusa, visitou a família com a notícia sobre o retorno de Franjoão, que antes de partir para Moçambique, tinha dançado galantemente no clube com a irmã mais velha, Soledade, a qual na contemporaneidade declarava: “eu por mim já desisti de casar, não tenho paciência para aturar os homens”. O possível noivo não tinha “cheta” (bens), mas a primogênita retrucou: ““O sangue não discute fortuna!”” (DEVI, 2003, p. 34). A idosa parente, que tinha conversado com o retornado, ponderava com as sobrinhas a respeito da oportunidade:

“[...] Digam-me cá: de que é que vocês precisam aqui em casa? Hã? Não é um genro-comensal para continuar a casa?”
“Quer ti Sacramento dizer cunhado-comensal”, respondeu Dejanira, muito pálida, enquanto Soledade levava às mãos à garganta, sufocada por hipótese tão excitante.
“Cunhado-comensal ou genro-comensal dá na mesma. Pois eu pensei que se vocês estabelecessem Franjoão e ele se casasse com Teodolinda ...” (DEVI, 2003, p. 34).

Ti Aureliano viajou até Saligão para fazer uma proposta a Franjoão, que residia com o irmão casado em um casarão em ruínas e com a propriedade rural decadente:

“[...] Teodolinda tem trinta e oito. Tu tens cinquenta. Está boa para ti. Ela é engraçada...Compreendes, não há varões na casa. As irmãs desistem e estabelecem o cunhado. Que dizes?”
Franjoão mordeu o lábio, cauteloso, sem responder logo.
“E são muito tidas”, perguntou. “A casa é boa, mas sei lá...”
“Soledade tem sido o homem da casa e olha que tem uma mão para as propriedades! Quanto a isso podes estar descansado...”
“Ainda têm o prédio de Divar?”
“Sim.”
“Quantos candis de bate dá?”
“Sete.”
“E coco?”
“Dois mil cocos.”
“E mais? Bananas, mangas, jacas?”
“Também. Há outras propriedades.”
“Onde?”
“Em Dongrim.”

“O que produz?”
 “Arroz. Várias qualidades. E muita manga, em Benaulim.”
 “Têm mangas em casa? Mangas ou chupadeiras?”
 “Qual! Manga boa, xavier, fernandina. É boa casa. Brâmanes antigos, bem sabes. Aquilo tudo fica para a Teodolinda.”
 “Sério?”
 “Claro. O que elas querem é um homem de carácter, que se dê bem com elas e traga respeito à casa!” (DEVI, 2003, p. 38 e 39).

Realizado o casamento, depois de muitas negociações, e de regresso da viagem de núpcias a Bombay, antiga colônia portuguesa, o recém-casado, educado na antiga ideologia do patriarcado como um discurso normativo de papéis familiares, que tinha marcas na atualidade, acreditou poder assumir a administração da riqueza dos FONSECAS:

Logo que chegaram, Franjoão virou-se para as cunhadas, cheio de animação perante a nova vida que ia encetar e disse:
 “Amanhã vou a Benaulim ver o estado em que está a propriedade!”
 Mas Soledade retorquiu logo, apressada:
 “Não se rale, Franjoão. As coisas vão a correr muito bem. Não faz três dias que lá estive.”
 “Sim?”, exclamou ele, passando a mão pelo queixo, pensativo.
 “Então vou a Divar ver os arrozais!”
 “Deixe. Não vale a pena. Do que o mano precisa é de descansar. Descanse. Estive lá semana passada...”
 “E Dongrim?”, perguntou ainda.
 “Agora não há nada a fazer por lá. Só para meio do próximo mês, quando começar a monda...” (DEVI, 2003, p. 40 e 41).

Com os ombros encolhidos, perplexo com a constatação de que não iria exercer qualquer poder, nem na casa e nem no campo, o cunhado ia sair da sala, mas viu uma bela e perfumada manga e começou a descascá-la com as mãos, mas foi duramente criticado por Claudina e Soledade, a qual enfatizou: “Franjoão, quero dizer-lhe que se Barretos é boa família, FONSECAS não ficam atrás. E em nossa casa sempre comemos mangas com talher! É bom que se vá habituando aos usos da casa!” (DEVI, 2003, p. 41).

No dia seguinte “com os polegares no cóis das calças”, ele disse que gostaria de comer jagrada de lentilhas, mas Soledade respondeu que teriam *ailé-belé*, um doce feito com jagra, farinha de arroz e coco, e declarou solenemente: “Quem governa esta casa sou eu, é bom que não se esqueça, Franjoão!”, e prosseguiu: “Isto são coisas de mulheres”. Estranhamente, ela lhe propôs um tipo de intimidade: “Porque não vai agora fazer uma meia-dúzia de canudos para fumarmos logo, que os outros já acabaram?...”. Submisso, ele começou a picar o fumo, a enrolar o cigarro em folha de bananeira e a pensar: “como podia uma mulher fumar aqueles canudos horríveis, que até a ele faziam tossir” (DEVI, 2003, p. 43).

Naquela rica mansão, onde não podia desejar nada especial, Franjoão tentou convencer Soledade a lhe dar uísque, mas ela respondeu que a bebida estaria guardada: “Uísque não é para beber. É só para oferecer quando vêm visitas. Não esqueça que temos nossa consideração...”, e avisou: “E não toque no queijo nem na bolacha, ouviu? Eu ontem bem o vi a cheirar aquele armário! É só para visitas...”. (DEVI, 2003, p. 44). De fato, Soledade assediava o cunhado, mostrando a ele que não tinha nenhum poder na residência das FONSECAS, era somente cunhado-comensal com a função de gerar um herdeiro.

Ao conseguir realizar a esperada proeza, o cunhado-comensal recebeu felicíssimo as saudações pelo rebento que chegaria, mas, no mesmo instante, Soledade novamente o nivelou a subalterno, a procriador sem nome:

“Voltou o avô Adeodato da Purificação do Santíssimo Sacramento Fonseca para salvar esta casa!”, exclamou Soledade solenemente. “Fonseca?”, balbuciou atrapalhadamente Franjoão. “E Barreto? Vamos pôr os pingos nos is, ó mana Soledade. “Se for rapaz, e Deus queira que assim seja, sabem quem é que ele representa? Francisco João dos Milagres Barreto, nome do meu pai!” “Barreto?”, gritou Soledade, erguendo-se em bicos de pés, quase fora de si. “Não se esqueça que você aqui é genro-comensal. Seu filho vai ser FON-SE-CA e vai ter o nome do avô materno! Basta-nos um Franjoão na família. (DEVI, 2003, p. 44).

Reduzido a mero procriador, o futuro pai “baixou a cabeça e, tirando um canudo do bolso, meteu-o na boca”. (DEVI, 2003, p. 46). O personagem compreendeu que o sistema ideológico de dominação masculina, de tradição patriarcal lusa e goesa, tinha acabado, após adentrar na família e na residência do clã Fonseca, na condição de cunhado-comensal. A ele não foi permitido nem visitar as várias propriedades rurais, sequer degustar a manga sem talheres, ou comer, quando quisesse queijo e biscoitos, alimentos frugais, nem mesmo sorver uísque no cotidiano.

O aniquilamento moral, físico e simbólico de Franjoão concretizou-se no momento em que lhe foi dito, que seu nome familiar seria apagado para as próximas gerações, desde o nascimento de seu primeiro filho biológico. Um Barreto, que era estranho na nova família, sentia-se estranho ao lar [*unbomed*] e estar sem-casa [*homeless*], pois teve que se re-locar no lar e no mundo das Fonseca (Bhabha).

Conclusão

Sem colocar-se como ativista feminista, em Lisboa, no início dos anos 1960, Vimala Devi, por meio de uma representação literária na narrativa *O Genro-Comensal*, mostrou o deslocamento da identidade hegemônica masculina, ao

elaborar o perfil de uma mulher, em Goa: Soledade desdenhou da ideologia sobre a fragilidade feminina e a proteção patriarcal paternalista, assumindo os vários negócios familiares, inseridos no sistema capitalista rural. Embora Narvaz e Koller, no artigo *Famílias e patriarcado* tenham enfatizado que a “articulação do patriarcado ao capitalismo” seria “uma das possíveis explicações para o sistema de opressão das mulheres”, as atitudes da decidida protagonista revelam o poder feminino na administração de um latifúndio.

A primogênita Fonseca, que tinha a identidade híbrida, como suas irmãs, colocou o cunhado no devido lugar, segundo a cosmovisão dela, a de ser somente reprodutor biológico. Franjoão, apesar de assimilado, acreditava na instituição goesa do ‘genro comensal’, isto é, na “continuidade da tradição cultural como parte da confluência de uma história partilhada” (Bhabha). Depois do regresso da viagem de núpcias, ele pensou ser o senhor da Família Fonseca, ledô engano, pois o que importava, de fato, era o poder de seu sêmem.

Altiva e radical com o membro da Família Barreto, que tinha o estatuto de cunhado estabelecido, cujo objetivo era gerar um herdeiro, Soledade, cujo nome evoca a solidão, consolidou a não submissão feminina, demonstrando valores matriarcais em palavras e atos. Desta forma, ela pode reconstruir um “passado cultural e biográfico” que pode ser adequado ao “interesse presente” (Bhabha), com a opção da seleção de um cunhado para a continuidade da linhagem, conforme a tradição goesa. Segundo Carole Pateman, na obra *O contrato sexual*, a sociedade civil seria patriarcal, mas a irmã mais velha das FONSECAS conseguiu subverter o pretenso e tradicional direito masculino de governar a esposa e a casa,

A primogênita da dinastia Purificação do Santíssimo Sacramento Fonseca não interiorizou o sexismo, a crença na superioridade do sexo masculino sobre o feminino, apresentando-se como hábil administradora do lar e das lavouras, bem como fumante compulsiva de cigarros, enrolados com tabaco muito forte.

A ideia da matriarca, na ocasião da notícia da gravidez da irmã, Teodolinda, era enfatizar que a linhagem genealógica a ser reconhecida, seria a materna, a que legitimava o registro do sobrenome Fonseca da futura criança, e não Barreto, conforme a tradição portuguesa. Portanto, o empoderamento pessoal de Soledade, ao reivindicar direitos no seio de sua família brâmane e católica, causou estranhamento na sociedade local, mas ela pode, finalmente, na cidade de Margão, dar uma dimensão extraordinária em seu lugar de fala: a de ter contribuído para a continuidade da “família de tão vetustas tradições”.

Referências

- BHABHA, Homi. Ética e Estética do Globalismo: Uma Perspectiva Pós-Colonial. In: BHABHA, Homi. **A Urgência da Teoria**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Tinta da China, 2000. p. 23-44.
- BHABHA, Homi. Introdução. Locais da Cultura. In: BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. de Myriam Ávila *et alii*. 4. reimpr. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. p. 19-42.
- DEVI, Vimala. Uma vida de um certo lirismo: entrevista concedida à Daniela Spina (ago. 2018). **Via Atlântica**, São Paulo, nº 36, p. 335-346, dez. 2019.
- DEVI, Vimala. O Genro-Comensal. In: DEVI, Vimala. **Monção**. Introd. de Manuel Seabra. 2. ed. Lisboa: Escritor, 2003. p. 31-46.
- HAWKINS, John. **A história das religiões**. Trad. de Maria Beatriz Medina. São Paulo: M. Books do Brasil Ed. Ltda, 2018.
- INTRODUÇÃO, DE MANOEL SEABRA. In: DEVI, Vimala. **Monção**. 2. ed. Lisboa: Escritor, 2003. p. VII a XIX.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico da filosofia**. 5.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LOUNDO, Dilip. O(s) contexto(s) indiano(s) da latinidade em Goa. **Via Atlântica**, São Paulo, nº 19, p. 15-30, jun./ 2011.
- MATRIARCADO. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Matriarcado>>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- NARVAZ, Giudice; KOLLER, Sílvia H. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicologia & Sociedade**, v. 18, nº 1, p. 49-55, jan./abr. 2006. Disponível em: < <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v18n1/a07v18n1.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2021.
- NAVARRO, Eduardo de Almeida. Goa: uma identidade diferente da indiana justificaria a condição colonial? **Via Atlântica**, São Paulo, nº 19, p. 31-44, jun./ 2011.
- STOCKER, Maria Manuel. **Xeque-mate em Goa**. Lisboa: Texto, 2005.